

HA UM ANO MORREU STÁLINE

(continuação da pág. 1)

Stáline ensinou os comunistas a ter uma visão justa da situação internacional, pôs a nítida contradição que há entre o imperialismo e traçou a linha orientadora para a formação de uma poderosa frente anti-imperialista.

Os seus sábios ensinamentos conduzem as massas trabalhadoras e a Humanidade progressiva à conquista da Democracia, à vitória na luta, pelo fortalecimento da União da classe operária, pela sua aliança com as camadas da população, com todas as forças democráticas e patrióticas, que aspiram à Democracia, à Independência Nacional e à Paz, que querem acabar com o imperialismo e dos governos de tráfego e guerra, instalados nos países canibais.

«A partir da Independência nacional, a soberania nacional foi defendida por Stalina, na tribuna do XIX Congresso do Partido Comunista de União Soviética. Não há dúvida de que, nesses anos, os representantes dos Partidos comunistas e democráticos que tentavam levantar essa bandeira, se quiserem ser patriotas, se quiserem tornar-se a força dirigente da Nação, ninguém mais poderá levanta-la».

«Sim, na verdade, os partidos comunistas democráticos que seguram, hoje, em suas mãos, na luta contra as forças imperialistas e de traição nacional, a bandeira da Independência e da Liberdade e encarnam tradições históricas mais progressivas,

Em 28 de maio de noventa dominou a festa em Portugal, o Partido Comunista Português, seguindo uma política socialista, o que, tem combatido firmemente a política de guerra e de tração nacional do fascismo salazarista, tem sabido eleger bem a liderança de Inocêncio Nacionalista, a Soberania Nacional, a unidade do território e de Bem-estar do Povo. Por tudo isto, o Partido Comunista Português e o fiel das tradições das tradições progressivas da nossa História, das grandes lutas populares contra os opressores, estrangeiros e da classe dominante docendos.

Quando o mundo inteiro se comoveu com o primeiro aniversário da morte de Stáline, o chefe muito amado dos trabalhadores de todo o mundo, do porta-bandeira da luta da Independência dos povos, o Partido Comunista Português reafirma a sua fidelidade e inabalável confiança na União Soviética, nos seus experimentados dirigentes, na sua lealdade e na sua fidelidade aos ensinamentos de Stáline, ao marxismo-leninismo. Sob o seu bandeiro levaram a massa trabalhadora à vitória, sob cujo bandeiro reforçará a luta pela Democracia, pela Independência Nacional e pela Paz.

O Partido Comunista Português inclina suas bandeiras em homenagem ao insigne e civil camarada Stáline e a ele, associado fiel discípulo do camarada Stáline, camarada Klement Golwald, também falecido um ano, dirigente internacional da classe operária e do Partido Comunista da Checoslováquia e Presidente da República Popular Checoslovaca.

Cunhal	7.00	P. Gomes (AA)
Libertação de		Por Relações Cul
Duarte	55.00	turas com a
Libertemos A		U.R.S.S. 20
Cunhal	500.00	P. Popular
Idem	50.00	Frescos Políticos

Idem	500	Pro-Amadita - V
Maïenkoy	50 00	Progressistas
Manessa	21 00	R. Luxemburgo

Manuel Rodrigues	50,00	Solidariedade
da Silva (12)	50,00	Unidade
Maria Lemea	15,00	União (1)

Maria Lamei	5000	Utah (12)
Mariha Ver	11 50	Velhos comba
Marlimo Ver	2450 00	Slendes

Medico Progresivo	40.00	Vigilante Militar	150
M. E. I.	120.00	Vingamos Mil-	

Militão Ribeiro	20 00	Vitoria pela
Pai Stelme	16 00	Unidade
Prof. Lino	600 00	Voz e futuro

Pavlov	50.00	Volodarsky (12)
Paz e Liberd	50.00	X-agai Ver%

FEVEREIRO DE 1954

Abaixo fascismo	3.00	Lista Natal
Ajudemos o P.	100.00	Lista Natal
		Lista Natal

Alcançaremos a	Lista Natal
Faz 750.00	Lutibrodsky
Aragon 150.00	M. R. da Silva

Auxílio	56,00	M. R. da Silva
* ao Partido	100,00	O n/ auxílio
Carlos Costa	48,50	O n/ auxílio

Chico Miguel	450/00	Operários Comu-
Elsa Triolet	152/00	nistas
Facho da Li-		P. Angelina

Verdade	14 00	Pela Liberação
J. M. do Rosario	12 50	de A. Cunha 2
Jovem Pleno	10 00	Idem

L'Humanité	466 00	Pela Paz
Liberdade von-		Pinhal Ver ^o
ca	11 00	31 dezembro

Libertação de	11.00	Thomaz
A. Cunha	90.00	Um Amigo do P.
Lista Camacho		União Menor

29 pontos	20.00	remos	
TOTAL			471

NOTA — No «Avante!» nº 184 foi publicado, por engano, Gloria Stalino 210\$000. «L'Humanité» — 105\$500. O

Vence — 112:50 A. Varnelinhos do Sul —
e Camarada Vitoriano — 5:60" em vez
respectivamente, 220:00, 100:30, 112

18500 e 51900.

Greves, concentrações e acções de massas da classe operária e dos camponeses NA LUTA EM DEFESA DOS SEUS INTERESSES VITAIS!

GREVES E LUTAS OPERÁRIAS DA CLASSE TEXTIL DO NORTE

contra os despedimentos e a «campanha da produtividade»

Os terríveis efeitos da chamada «Campanha da Produtividade», introduzida pelos norte-americanos no País e destinada a aumentar ainda mais os lucros do patronato à custa das vitórias da classe trabalhadora, se já sentiu por todo o País e são a causa de numerosos despedimentos. Contra estas novas formas de exploração os levantam-se os trabalhadores.

Na **Fábrica de Tecidos Aliança**, na Giestra (município de Fátima), pertencente ao grande latifundiário da Fátima de Azevedo, ao receber ordem do Intendente Municipal para passarem a trabalhar com 2 horas ao mesmo tempo as valentes operárias levantaram-se em massa, paralisaram o trabalho como protesto contra os despedimentos e o despedimento imediato do encarregado que era um carrasco do pessoal. Chamados pela gerência, apresentaram-se na fábrica alguns agentes da PIDE, fingindo que se passava e as operárias, todas paradas em frente dos teares, responderam-lhes exigindo o despedimento do encarregado e a libertação de todos os despedidos. Recusadas, que se depois cinco voltaram a trabalhar. Quer os agentes da PIDE, quer o tubarão Pinto de Azevedo acompanhado pelo delegado do Instituto Nacional do Trabalho, tentaram forçar as operárias a porer

os teares em andamento, o que não conseguiram, visto estes recusarem firmemente a fazer-lho. Só depois de Pinto de Azevedo lhes prometer que o encarregado não entraria mais na fábrica e que as valentes operárias retomariam o trabalho aos gritos e dando vitórias. As outras medidas (despedimentos e utilização dos 2 teares) também não foram por efeito da campanha. Assim uma grande vitória o pessoal desta fábrica. Entretanto, as operárias da Fábrica da Areosa (1100 operárias) também pertencente ao tubarão Pinto de Azevedo, ao terem conhecimento da paralisação de trabalho na Fábrica Aliança já estavam dispostas a marcharem em massa ali lá, em apoio das suas camaradas, o que, no fim, não aconteceu, pois a polícia provocou o que não foi necessário, dada a vitória alcançada.

Esta atitude firme e decidida das valentes operárias da Fábrica Aliança mostra o caminho que todos os operários devem seguir nas outras empresas para defenderem os seus direitos e interesses.

Como continuação dos despedimentos na fábrica **Freire e Irmãos, de Vila do Conde**, propriedade do milionário Delim Freire, a 8 de Março, acção do Sindicato de Vila do Conde, com mais de 800 operárias e operários marcharam através das ruas da vila e, apoiados por mais povo que se lhe juntou durante o percurso, dirigiram-se em massa para o seu sindicato onde se concentraram.

Como a direcção eleita pelos operários desta fábrica não quis tomar conhecimento dos pedidos dos operários organizados a direcção cessante a comparecer e excitaram o presidente da direcção que enviava uma exposição ao ministro das Corporações protestando contra os despedimentos. Como o presidente do Sindicato desistisse que em virtude da lei de 1932 não se podia dirigir directamente ao ministro, os operários enviaram que essa lei fosse abolida e forçaram o presidente a escrever directamente ao ministro. Para terem a certeza que a exposição seguiu mesmo, alguns operários acompa-

nharam o presidente do sindicato aos correios. Ainda só a pressão dos operários, o presidente escreveu também aos sindicatos de Braga, Porto, S.P., Ourense e Coimbra, pedindo o seu apoio às reclamações dos operários de Vila do Conde, obtendo a resposta de imediato do sindicato de Coimbra, a fábrica **Sampolo, Ferreira & C^{ia}**, de Riba d'Ave (once trabalhavam cerca de 200 operários) os patrões deram ordem para que cada operário ou operária passasse a trabalhar com 2 horas, mas não com um só lado e a para que a pessoa passasse todo a 3 dias por semana. Em resposta, os operários pararam imediatamente o trabalho, dirigiram-se em massa para a gerência e declararam que não trabalhavam com os 2 teares, nem aceitarão o regime de 3 dias de trabalho. Fera-se a firmeza dos operários os patrões recorreram então a uma manobra dividindo, dando 6 dias de trabalho às duas casadas, mas obrigando todo o pessoal a trabalhar com os 2 teares. Os operários voltaram a lutar e acabaram com o despedimento e descontentamento continua a ser muito grande.

O Partido Comunista, expressando o sentido de todos os trabalhadores portugueses, saudou as valentes operárias e operários textis do Norte pelas suas vitórias e pelas lutas e incitamos a prosseguirem unitas e organizadas na luta e na defesa do seu pólo e dos seus interesses vitais!

Operários e operárias da indústria textil e de outras indústrias! Não vos deixais enganar pelos latifundiários e patrões. **A vossa força está na vossa união.** Segui os exemplos das operárias da Fábrica da Giestra e das operárias de Vila do Conde em massa, com as vossas lutas e vitórias, protestar junto dos patrões, dos Sindicatos e das autoridades contra os despedimentos e contra o aumento da produtividade. **Paralisa o trabalho para forçar o patrão a recuar!** Constitui Comissões de Unidade que orientem e organizem a vossa luta e que vão junto dos patrões exigir a satisfação das vossas legítimas aspirações.

A UNIDADE DOS MINEIROS

garantia da sua vitória

Continuando a luta por aumento de salários os mineiros de **S. Domingos**, depois de nova concentração no Sindicato, conseguiram obter da gerência a promessa duma resposta definitiva para breve. Esta promessa não deve satisfazer os mineiros. Dada a adesão e entusiasmo que a luta despertou entre os mineiros não será difícil a estes reconhecerem e outras miseráveis da gerência (com o fim de ganhar tempo e quebrar a unidade da luta dos mineiros) e unir todas as classes à volta da sua Comissão de Unidade. Esta, sempre acompanhada do maior número possível de mineiros, deve conduzir a luta junto da gerência e ao mesmo tempo pressionar o Director do Sindicato por meio de concentrações, para que a acompanhe a gerência. Entretanto se a Direcção se recusar os mineiros devem continuar a luta e empenhar-se a lutar até a vitória seja esta conseguida a empresa e o principal campo de batalha.

A recente vitória obtida por 60 mineiros desta empresa que reivindicaram energeticamente a luta da gerência a respeito da caldeira de água quente para os banhos, mostra bem quanto pode a Unidade dos mineiros.

Amém os mineiros de **S. Pedro da Co-**

va, com a sua C. de Unidade à frente, reivindicaram aumento de salário junto da gerência.

Muito Intencional as acções por aumento de salários e melhores condições de trabalho por meio de protestos, concentrações, reduções de produção e paralizações de trabalho para dar força às vossas reivindicações. Escolhei para as vossas comissões de Unidade em cada recção os vossos camaradas mais firmes e corajosos para dar força à vossa luta e às vossas acções de massas aliadas reafirmadas.

AS VIDAS DOS PESCADORES

CONTINUAM EM PERIGO

Devido ao descontentamento popular que a neutralidade do navio «Acor» provocou, o fascismo fez realizar os funerais das vítimas uma hora mais cedo da que fora marcada e os camaradas foram concentrados grandemente contingentes policiais, os quais impediram que as famílias dos mortos se despedissem dos corpos. Assim, os corpos ficaram durante o dia no porto e os familiares não puderam ver os corpos que estes deixaram à terra.

Também os tubarões da Companhia Portuguesa de Pesca, proprietários do «Acor», que enriquecem à custa da miséria e das vidas dos trabalhadores, recusaram o autocarro para não trabalhar no dia dos funerais. Apesar disso, a grande maioria dos trabalhadores desta empresa (cerca de mil) não foram. Assim, ficaram a bordo com a qual compraram 2 corações no valor de 1.500.000, abandonaram o trabalho e foram todos aos funerais. Em muitas outras empresas de Lisboa, Marjém Sul, e Setúbal, os trabalhadores acorreram aos funerais ou enviaram delegações.

Estreitamente mais de 60.000 pescadores que do Mito do Aguiar continuam a ir ao mar, têm as suas vidas ameaçadas e muitos deles encontram-se já a morte como testemunha o caso de 15 mortos e feridos no acidente do «Vale» e do navio «Figueira da Foz». Os últimos temporais no Algarve puseram em perigo numerosos barcos de pesca no sul do País. Assim, a Direcção da Pesca deve atentar na defesa dos tripulantes de trabalhos partilhados e de lutas enfraquecidas que foram em seu socorro, pois as autoridades nada fizeram para evitar os acidentes. No Porto outro lado, milhares de famílias das escaleiras de trabalhadores que moravam em navios debatem-se na miséria mais cruel.

Que em todos os centros piscícolas e portos se formem Comissões de Unidade que lutem pela defesa dos pescadores e suas autoridades concêntricas para todas as famílias das vítimas do «Acor» e dos outros trágicos naufrágios e se tomam rápidas medidas para modificar rapidamente os meios de segurança dos pescadores e os socorros a prestar em caso de naufrágio, visto o material actual ser o mesmo de há 60 anos. Somente a luta poderá impedir que dezenas de outros pescadores e embarcações sejam trópicos pelo mar em consequência da falta de meios de prevenção, da ausência e de socorro.

Camarada! Simpatizante!

O Partido necessita urgentemente de GRANDES RECURSOS FINANCIEROS

AUMENTA A RECOLHA DE FUNDOS PARA O PARTIDO

Toma iniciativas, cria novos grupos de amigos, auxilia financeiramente o Partido

A REPRESSÃO FASCISTA DO MPEDIR NOVAS LUTAS DOS CAMPESES ALIENJANOS

As forças e governos fascistas mal uma vez se dão as mãos para tentarem impedir que os camponeses se unam e conquistem melhores formas.

Assim, por todo o Alentejo a GNR, que o governo transformou cada vez mais em instrumento de terror repressivo, prendeu e expulsa os camponeses que andavam no raticão da azeitona, como é costume todos os anos, para matar a fome.

Os vícios de Sines, num dos últimos dias de Fevereiro, esteve em estado de sítio, bloqueado por forças da GNR e PSP que identificavam, em pleno dia, quem saía e entrava. Em todo o Alentejo a GNR entra nas escolas, nas colectividades e outros locais de encontro dos camponeses para os intimidar. O termo que campela em **Pias, Vale de Vargo, Benavite** e outras localidades alentejanas provoca entre a população uma onda de indignação e revolta.

São cada vez mais frequentes os casos de campones que são presos e assassinados por causa das suas lutas. Assim, os camponeses da GNR e que resistem valentemente às violências dos esbirros, tal é o caso daquele camponês que trata na sua casa um caso de violência e foi assassinado pelo Engenheiro Virgílio de Moura. Ao ser interrogado no posto da GNR por um agente da PIDE que tentou roubar-lhe o embrão, respondeu-lhe: «Se não quiseres, não toques depois de me se agarrarem as mãos a que poderá sair daqui!», obrigando os esbirros a desistirem desse seu intento.

Os campones não se dividem na medida em que o governo e os agrários insistem na intervenção da PIDE. GNR e outras forças repressivas contra os camponeses, as lutas, os revoltas e cada vez mais dum carácter político.

Vale de Vargo e Benavite levantam-se contra a repressão

Em Benavite, há já tempo, quando a PIDE foi criado um camponês, os populares e desarmados, o carro da FIDE onde estava o camponês e levantaram-no. Entretanto a PIDE conseguiu recusar o quítimo ao preso. Os campones não desistiram. Correram através do campo, 7 quilómetros até ao posto da GNR onde chegaram ao mesmo tempo que a PIDE. Ali ordenaram o camponês e os filhos da PIDE.

200 camponeses de **Vale de Vargo** declararam-se em greve exigindo aumento de renda (15000 em vez de 10000). Os agrários chamaram a GNR para obrigá-los a trabalhar. Como não o conseguiram a GNR tentou prender alguns camponeses, o que provocou indignação revolta entre o povo. Mais de mil camponeses dirigiram-se em massa ao posto da GNR. Esta para amortizar fez fogo, mas os valentes povo de Vale de Vargo, manteve-se firme e não se deixou obrigá-los a GNR a fechar-se no posto e a desistir dos seus intentos criminosos.

Anda em **Vale de Vargo**, quando a GNR invadiu a Sociedade «5 de Outubro», onde o povo de Vargo se encontra 2000 por cento fora da balla, os sócios protestaram em conjunto. Um cabo da GNR quis enfiar prender um jovem, mas o povo não consentiu.

O povo fechou as portas da colectividade e cercou o cabo que recuou aterrorizado e fugiu. Quando a massa saiu para ir buscar a casa o cidadão jogou.

Quando se soube disto o povo juntou-se e fez uma grande reunião onde se protestou contra a GNR e a PIDE. GNR. Em consequência da luta do povo o jovem foi posto em liberdade, juntamente com os pais e filhos camponeses, e foram para exigir a libertação de todos os presos.

Os alunos dum escola de adultos do **Vale de Vargo**, na sua luta contra camponeses, foram a lutar em final de protesto quando o cabo da GNR ali entrou, depois de já ter ido várias vezes para os intimidar.

Abrilhante luta do povo de Vale de Vargo contra os campones e os esbirros e os agrários não desistirá de os intimidar pelo terror.

Está um aspecto da luta que os camponeses devem ter em conta nas jornadas de luta que se aproximam, particularmente no caso de **Vale de Vargo**, onde os campones não desistirá de os intimidar pelo terror.

por outro lado, é insistindo neste caminho de acções unitas contra a repressão, os campones alentejanos darão uma importante contribuição para a luta pelo derrocamento da camponêsia salazariana e pela instauração dum governo democrático, que

dé a terra a quem a trabalha.

A luta unida, no caminho da vitória

Devido às lutas anteriores travadas pelo Povo do Trabalho em que tomaram parte centenas de camponeses de **Montemor-o-Novo** e de **Aviz**, os agrários e os fascistas foram obrigados a aceitar a realização de trabalho nos campos sem derrapados, a realizar reuniões em Portalegre, Évora, etc. pedindo ao governo providências para fazer face ao desamparo nos campos e a voltar ao caso na Assembleia Nacional.

Isto prova como o rosso Partido foi levado a indicar as massas camponesas o caminho da luta, como o único que conduza ao melhoramento da sua vida. E as massas seguem o caminho que o Partido lhes aponta.

Os 150 camponeses de **Pias** que com a liderança de **Vale de Vargo**, 20 camponeses da Cadeia do Trabalho se concentraram na Casa do Povo a 11 de Fevereiro, exigindo do Povo do Trabalho, devem insistir nesta forma de luta, voltando sempre no maior número possível a Vargo, 20 camponeses.

Em **Vale de Vargo** abandonou o trabalho um rancho de 15 camponeses que trabalharão para o agrário António Cabral da Assunção, e os campones de Vargo, 20 camponeses e jorna exigindo, e mesmo levando um grupo de 13 jovens de 12 a 14 anos, levando de José Rocca que reclamaram melhor jorna.

Assim, a luta de Vargo, 20 camponeses que trabalhavam para o agrário Barrocas conquistaram pela luta firme e unida o direito e duas fumecas e o almoço.

Assim, a luta de Vargo, 20 camponeses e jorna exigindo, e mesmo levando um grupo de 13 jovens de 12 a 14 anos, levando de José Rocca que reclamaram melhor jorna.

Assim, a luta de Vargo, 20 camponeses e jorna exigindo, e mesmo levando um grupo de 13 jovens de 12 a 14 anos, levando de José Rocca que reclamaram melhor jorna.

OS POVO DA ZONA ORIENTAL DE LISBOA luta contra a política de guerra salazarista!

QUE SE CASTIGUEM os verdadeiros culpados!

Justamente infligidos pelas vidas e prejuízos que causou a tragédia da 3ª Briga de Prata e conscientes dos perigos que a população da zona continuava a correr (o governo dispunha-se a ampliar a fábrica sob o pretexto dos americanos que ali se instalaram permanentemente e a continuar a manipulação de explosivos) os trabalhadores do povo da Zona Oriental de Lisboa uniram-se de decidida luta pelas seguintes reivindicações: retirada dos explosivos da fábrica do Braco de Prata, cessação do trabalho na fábrica de material de explosão e dos operários inutilizados para o trabalho e pagamento de indemnizações pelos prejuízos causados.

Quase duas semanas se passaram na zona. Uma Comissão que recebeu rapidamente parte de mil assinaturas de apoio a essas reivindicações. Em toda a zona foram feitas reuniões de inquérito, contendo aquelas reivindicações e outras palavras de ordem tais como: «Não mais tragédias do Braco de Prata!», «Mais Paz e menos castigos!», «Abaixo a fábrica do Braco de Prata!», «Abaixo a Polícia Militar!», «Paz, Trabalho e Paz!», etc. etc. Num dia a polícia chegou às instalações e na manhã seguinte desalojou os povo da zona e os operários.

No dia 10 de Fevereiro foram lançados na zona milhares de cartuchos contendo os seguintes textos: «A população da zona não aceita mais a política de guerra salazarista», «Abaixo a fábrica do Braco de Prata!», «Mais Paz e menos castigos!», «Abaixo a Polícia Militar!», «Paz, Trabalho e Paz!», etc. etc. Num dia a polícia chegou às instalações e na manhã seguinte desalojou os povo da zona e os operários.

A deslocação da zona para o interior da zona, causou a população da zona a sofrer mais uma vez a tragédia da 3ª Briga de Prata e a população da zona a sofrer mais uma vez a tragédia da 3ª Briga de Prata.

NOVA REBAIXA DE PREÇOS NA UNIÃO SOVIÉTICA

O Comité Central do Partido Comunista e o Governo da União Soviética procedem a uma nova rebaixa de preços dos artigos de simples consumo — a 7ª rebaixa — em 10 de Março de 1953.

Desta forma o povo soviético melhora continuamente as suas condições de vida. Tem uma existência mais alegre e mais livre. Com o mesmo dinheiro com que em 1947 se comprava um quilo de pão, compram-se hoje 3 quilos!

Esta rebaixa dos preços revelou a grande força e a unidade do Partido e do Governo Soviético, que têm como objectivo próximo satisfazer as necessidades sempre crescentes da população soviética.

Enquanto isso sucede na União Soviética, no Portugal fascista e nos restantes países imperialistas os preços continuam a subir preparativos de guerra e o custo da vida sobe continuamente, ao mesmo tempo que aumenta o desemprego e que cresce a fome e a miséria nos lares dos trabalhadores.

A «CIVILIZAÇÃO» QUE OS AMERICANOS DEFENDEM

A imprensa fascista tenta de alogar as «belezas» do «modo de vida americano». Um dos maiores propagadores em Portugal de tal modo de vida, o jornal «Seculo», nos últimos tempos, notava que os Estados Unidos, somente nos últimos meses de 1952, tinham matado 1.047.200 criminosos de importância. Confessava ainda que em 1952 foram executados cada 15 segundos, incluindo uma mulher em cada 40 minutos, um estúpido (mulheres violentadas) todos os 29 segundos e um ataque à mão esquerda em cada 10 segundos. E acrescentava que a mortalidade era de 1 em 1953 baterá todos os recordes de criminalidade.

É um bom índice da luz aporreada da «civilização» ocidental e do «modo de vida americano», que os negociantes americanos de canabais se esforçam por transportar para o país que chamam a «civilização» americana, como bom lucro, fomenta por todos os meios a americanização do país e, em particular, através da indústria de Hollywood, onde se ganham grandes fortunas com filmes de hipnotismo e os trapaceiros, são apresentados como verdadeiros heróis. Estes e outros filmes propagam a «civilização» americana, aumentando a tendência para a criminalidade.

Além disso, a população da zona continuava a sofrer a tragédia da 3ª Briga de Prata e a população da zona a sofrer a tragédia da 3ª Briga de Prata.

Devido à mortalidade na zona, a população da zona continuava a sofrer a tragédia da 3ª Briga de Prata e a população da zona a sofrer a tragédia da 3ª Briga de Prata.

Além disso, a população da zona continuava a sofrer a tragédia da 3ª Briga de Prata e a população da zona a sofrer a tragédia da 3ª Briga de Prata.

Mais um crime dos americanos CONTRA A VIDA PACIFICA DOS POVOS

Os Estados Unidos prosseguem, uma política de guerra e provocação em vista de manter a paz mundial com vista a conseguir um pretexto para desencadear uma 3ª guerra mundial com a qual procuraram resolver a crise económica de que já sentiam os primeiros sintomas. A actual situação do povo da Indochina, levada a cabo pelo governo francês, mais efectivamente dirigida e armada pelos americanos, que espereiam para a sua intervenção, é o exemplo mais claro da direcção das operações e transforma a num conflito internacional, e um exemplo claro dessa política.

Além disso, a população da zona continuava a sofrer a tragédia da 3ª Briga de Prata e a população da zona a sofrer a tragédia da 3ª Briga de Prata.

Além disso, a população da zona continuava a sofrer a tragédia da 3ª Briga de Prata e a população da zona a sofrer a tragédia da 3ª Briga de Prata.

Além disso, a população da zona continuava a sofrer a tragédia da 3ª Briga de Prata e a população da zona a sofrer a tragédia da 3ª Briga de Prata.

Além disso, a população da zona continuava a sofrer a tragédia da 3ª Briga de Prata e a população da zona a sofrer a tragédia da 3ª Briga de Prata.

Além disso, a população da zona continuava a sofrer a tragédia da 3ª Briga de Prata e a população da zona a sofrer a tragédia da 3ª Briga de Prata.

Além disso, a população da zona continuava a sofrer a tragédia da 3ª Briga de Prata e a população da zona a sofrer a tragédia da 3ª Briga de Prata.

Além disso, a população da zona continuava a sofrer a tragédia da 3ª Briga de Prata e a população da zona a sofrer a tragédia da 3ª Briga de Prata.

liberdade dos operários e dos jovens presos. A população deve manter uma vigilância activa e não permitir que na fábrica voltam a ser manipulados materiais explosivos!

No momento em que o fascismo prepara a invasão da Europa, a população da zona deve manter uma vigilância activa e não permitir que na fábrica voltam a ser manipulados materiais explosivos!

Estas experiências criminosas põem em perigo a vida pacífica de todos os povos, que se levaram indignados contra «as» e «os» que se levaram a cometer estes crimes. A população da zona deve manter uma vigilância activa e não permitir que na fábrica voltam a ser manipulados materiais explosivos!

Estas experiências criminosas põem em perigo a vida pacífica de todos os povos, que se levaram indignados contra «as» e «os» que se levaram a cometer estes crimes. A população da zona deve manter uma vigilância activa e não permitir que na fábrica voltam a ser manipulados materiais explosivos!

Estas experiências criminosas põem em perigo a vida pacífica de todos os povos, que se levaram indignados contra «as» e «os» que se levaram a cometer estes crimes. A população da zona deve manter uma vigilância activa e não permitir que na fábrica voltam a ser manipulados materiais explosivos!

Estas experiências criminosas põem em perigo a vida pacífica de todos os povos, que se levaram indignados contra «as» e «os» que se levaram a cometer estes crimes. A população da zona deve manter uma vigilância activa e não permitir que na fábrica voltam a ser manipulados materiais explosivos!

Estas experiências criminosas põem em perigo a vida pacífica de todos os povos, que se levaram indignados contra «as» e «os» que se levaram a cometer estes crimes. A população da zona deve manter uma vigilância activa e não permitir que na fábrica voltam a ser manipulados materiais explosivos!

Estas experiências criminosas põem em perigo a vida pacífica de todos os povos, que se levaram indignados contra «as» e «os» que se levaram a cometer estes crimes. A população da zona deve manter uma vigilância activa e não permitir que na fábrica voltam a ser manipulados materiais explosivos!

Estas experiências criminosas põem em perigo a vida pacífica de todos os povos, que se levaram indignados contra «as» e «os» que se levaram a cometer estes crimes. A população da zona deve manter uma vigilância activa e não permitir que na fábrica voltam a ser manipulados materiais explosivos!

Estas experiências criminosas põem em perigo a vida pacífica de todos os povos, que se levaram indignados contra «as» e «os» que se levaram a cometer estes crimes. A população da zona deve manter uma vigilância activa e não permitir que na fábrica voltam a ser manipulados materiais explosivos!

Estas experiências criminosas põem em perigo a vida pacífica de todos os povos, que se levaram indignados contra «as» e «os» que se levaram a cometer estes crimes. A população da zona deve manter uma vigilância activa e não permitir que na fábrica voltam a ser manipulados materiais explosivos!

Estas experiências criminosas põem em perigo a vida pacífica de todos os povos, que se levaram indignados contra «as» e «os» que se levaram a cometer estes crimes. A população da zona deve manter uma vigilância activa e não permitir que na fábrica voltam a ser manipulados materiais explosivos!

Estas experiências criminosas põem em perigo a vida pacífica de todos os povos, que se levaram indignados contra «as» e «os» que se levaram a cometer estes crimes. A população da zona deve manter uma vigilância activa e não permitir que na fábrica voltam a ser manipulados materiais explosivos!

Estas experiências criminosas põem em perigo a vida pacífica de todos os povos, que se levaram indignados contra «as» e «os» que se levaram a cometer estes crimes. A população da zona deve manter uma vigilância activa e não permitir que na fábrica voltam a ser manipulados materiais explosivos!

Estas experiências criminosas põem em perigo a vida pacífica de todos os povos, que se levaram indignados contra «as» e «os» que se levaram a cometer estes crimes. A população da zona deve manter uma vigilância activa e não permitir que na fábrica voltam a ser manipulados materiais explosivos!

Estas experiências criminosas põem em perigo a vida pacífica de todos os povos, que se levaram indignados contra «as» e «os» que se levaram a cometer estes crimes. A população da zona deve manter uma vigilância activa e não permitir que na fábrica voltam a ser manipulados materiais explosivos!

Estas experiências criminosas põem em perigo a vida pacífica de todos os povos, que se levaram indignados contra «as» e «os» que se levaram a cometer estes crimes. A população da zona deve manter uma vigilância activa e não permitir que na fábrica voltam a ser manipulados materiais explosivos!

Estas experiências criminosas põem em perigo a vida pacífica de todos os povos, que se levaram indignados contra «as» e «os» que se levaram a cometer estes crimes. A população da zona deve manter uma vigilância activa e não permitir que na fábrica voltam a ser manipulados materiais explosivos!

Estas experiências criminosas põem em perigo a vida pacífica de todos os povos, que se levaram indignados contra «as» e «os» que se levaram a cometer estes crimes. A população da zona deve manter uma vigilância activa e não permitir que na fábrica voltam a ser manipulados materiais explosivos!

Estas experiências criminosas põem em perigo a vida pacífica de todos os povos, que se levaram indignados contra «as» e «os» que se levaram a cometer estes crimes. A população da zona deve manter uma vigilância activa e não permitir que na fábrica voltam a ser manipulados materiais explosivos!

Estas experiências criminosas põem em perigo a vida pacífica de todos os povos, que se levaram indignados contra «as» e «os» que se levaram a cometer estes crimes. A população da zona deve manter uma vigilância activa e não permitir que na fábrica voltam a ser manipulados materiais explosivos!

Estas experiências criminosas põem em perigo a vida pacífica de todos os povos, que se levaram indignados contra «as» e «os» que se levaram a cometer estes crimes. A população da zona deve manter uma vigilância activa e não permitir que na fábrica voltam a ser manipulados materiais explosivos!

Os numerosos desastres ferroviários, marítimos, etc., que nos últimos tempos se verificaram no país e provocaram mortes e ferimentos graves, revelam que as vidas dos passageiros e dos trabalhadores andam em constante perigo. A maior parte destes desastres devem-se ao estado deprimente das vias férreas, material circulante, embarcações e meios de transporte, visto que as empresas monopolistas que exploram, na área dos grandes lucros, mantêm em serviço carris, material circulante, embarcações, etc., que já deviam estar na sucata há muitos anos, pois contam dezenas e dezenas de anos de serviço.

O estado deprimente das vias férreas, do material circulante e de sinalização da C.P., muito dele com 30 e 50 anos de serviço, causou já em 1952 20 mortes e várias dezenas de passageiros feridos em Vizeu (31/54) e no Tula (28/54) e 18 e 19/54. Um barco de pesca construído em 1906 (10/52), quebrou-se e afundou-se em frente de Cascais (9/54) e provocou a morte de 10 pescadores. Um eléctrico e carris com dezenas de anos de serviço, provocou em Lisboa 2 mortes e 42 feridos em 1954.

Para que os lubrificantes monopolistas da C.P., da Companhia Portuguesa de Pesca e de Cerveja, não venham a ganhar no fim de cada ano ordenados Principais e milhares de contos de lucros, andam em perigo constante as vidas dos seus trabalhadores e passageiros.

O governo, estreitamente ligado ao grande capital monopolista, atribui sempre a responsabilidade destes e doutros crimes aos trabalhadores culpados, mas sim ao pessoal trabalhador. Não lembrar que o condutor de Carris, que fez o que pode para travar o eléctrico, foi preso e castigado 15 ao passo que os grandes lubrificantes responsáveis destes e de muitos outros crimes contra a segurança das vidas dos cidadãos portugueses, não foram castigados e continuam a obter lucros fabulosos arrancados aos seus trabalhadores e ao povo português.

Exijamos o castigo dos responsáveis destes crimes!

A PAZ VENCE-RA A GUERRA

longe de facilitar alguma solução pacífica dos problemas de Goa, Damão e Diu.

A luta pela PAZ continua!

Todas estas medidas de guerra provocam a indignação e o repúdio dos povos sujeitos à dominação salazarista que amam a Paz e lutam por ela. Este é o caso do povo de Goa que luta contra a transformação do seu território em base militar.

A população de Setúbal assinou indignadas manifestações e os marinheiros ingleses provocaram na cidade quando da recente estadia da esquadra.

Em Plas um grupo de jovens de regresso de Serpa, onde haviam ido para inspecção militar, juntou-se a outros jovens e percorreu varias ruas da localidade dando vivas a Paz, e cantando os Músicos.

No Vale do Zêzere, durante uma festa, um grupo de jovens cantou canções progressivas e deu vivas à Paz, à liberdade e gritou «Ela os nossos direitos». Um grupo de jovens, reunidos na véspera de Natal, prestou homenagem à memória de Benito de Jesus Garça, fazendo um minuto de silêncio em homenagem ao povo de Portugal.

No Porto, no cortejo de Carnaval dos «Folões» ligaram dos carros com ornamentos alusivos à Paz e foram atacados por alguns soldados da Paz.

As 2 horas, de tarde em Fevereiro, foram colocados dois cartazes com inscrições de Paz em frente da Aliança e outro na Rua da Vitória, no Porto.

No Dia Internacional da Mulher a Comissão de Paz do Porto distribuiu um manifesto da Paz para o Porto, numa festa, foi lida uma Moção de Condoreza do Presidente da República e foram recolhidos 15 assinaturas para uma exposição rejeitando a liberdade dos jovens que tiram os lucros da guerra.

Os milhares de tarjetas, inscrições e assinaturas em defesa da Paz, tal como bem alto se ouviu a voz da Paz.